CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
17 e 25 de Julho de 2023

UMA CERVEJA NO INVERNO / 1998

um filme realizado
na Escola Superior de Teatro e Cinema

Realização, Argumento: Catarina Ruivo *Fotografia* (16 mm, cor): Rita Palma, Regina Guimarães (*metro*) *Som*: Luís Botelho *Montagem*: Catarina Ruivo, Pedro Sabino (*colaboração*) *Cenários, Adereços*: Joana Coelho *Assistente de realização*: Patrícia Saramago *Anotação*: Carlos Braga *Câmara e assistentes de imagem*: Nuno Leite, Marta Pessoa *Interpretação*: Milú Sequeira (Epifania), Pedro Hestnes (André), Zen Boy (Tiago), Adriana Castro (Telma), Francisca Lopes Alves (Catarina), João Abranches (Miguel), Mr. B (Nelson), F-dido (Jorge), Chaka, Miranda, Paulo Carvalho, Kiluange Liberdade, Luís Saramago, Júlio Saramago, etc.

Produção: ESTC-Escola Superior de Teatro e Cinema (Portugal, 1998) *Direcção de produção*: Sandra Fanha *com* Tiago Pereira, Kiluange Liberdade *Cópia*: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema (ESTC), 16 mm, cor, legendada em inglês, 20 minutos *Inédito comercialmente*, *Primeiras apresentações na Cinemateca*: 28 de Setembro de 2011 ("Pedro Hestnes – "Faça de Mim o que Quiser", com *O Pomar* de Luís Fonseca; *A Cura* de José Barahona); 7 de Novembro de 2018 ("Temps d'Images, sessão Curtas de Arquivo – Película", com *Vencer a Sombra* de Pedro Madeira e Paulo Ares; *Kilandukilu* de Margarida Leitão; *Duas Pessoas* de João Salaviza).

Uma Cerveja no Inverno (um "filme da escola") é apresentado com *Pickpocket* de Robert Bresson (um "filme das aulas"). A folha de *Pickpocket* é distribuída em separado.

Um filme de escola é um filme de escola, um trabalho realizado em contexto de aprendizagem num espaço de experiência. Os filmes da *Escola de Cinema*, como foi sendo chamada a ESTC após os muitos anos em que respondeu por *o Conservatório* (designação persistente além de 1983 quando a ESTC sucedeu ao Conservatório Nacional), foram agregando projectos de gerações de alunos e um círculo generoso de cúmplices. É uma característica acentuada com o recuo do tempo que permite verificar a série de nomes *entretanto* reconhecíveis como protagonistas do cinema português num colectivo não menos implicado no resultado final. Exercícios e primeiras obras, exercícios ou primeiras obras, é possível equacionar várias hipóteses favorecendo o diálogo com os autores. *Uma Cerveja no Inverno* foi apresentado pela última vez na Cinemateca, num programa que reunia um pequeno lote de "filmes da escola" dos anos 90 e inícios de 2000, nos quais se notava a confluência do carácter de exercícios filmados (um termo da própria escola) e de primeiras obras (expressão canónica para assinalar o arranque "oficial" de uma filmografia).

Assinado por Catarina Ruivo (realização, argumento e montagem; assistida por Patrícia Saramago na realização e com a colaboração de Pedro Sabino na montagem) uns cinco anos antes de *André Valente* (a sua primeira longa-metragem de 2004), *Uma Cerveja no Inverno* é um filme de Lisboa, 1998. Não a *Lisboa 98* da Exposição Internacional construída sobre uma ideia dos oceanos no limite oriental ribeirinho da cidade, mas uma Lisboa traçável em 1998 como uma cidade atravessada por um rio de duas margens, contradições, histórias. É precisamente o que argumento anuncia – várias histórias que

se cruzam numa cidade de duas margens, cumprindo-se uma pequena ficção que reúne um elenco de actores com presenças importantes no cinema português. O dado tem relevância por ser uma recorrência em "filmes da escola", para os quais não raros actores foram disponibilizando o seu tempo e o seu trabalho ao longo dos anos. Catarina Ruivo dirigiu aqui Pedro Hestnes, com quem voltaria a trabalhar em *Em Segunda Mão* (2012), o último filme do actor, estreado no ano seguinte à sua irreparável saída de cena. Correra cerca de uma década sobre os primeiros filmes de Hestnes nos anos 80 em que marcou o cinema "da geração dos filhos do Cinema Novo" como na Cinemateca se escreveu por altura da retrospectiva póstuma que lhe foi dedicada, lembrando como o seu percurso cinematográfico se tornou indissociável de um *momento* e de uma *época* do cinema português.

Uma Cerveja no Inverno é já de um momento seguinte, com Pedro Hestnes no papel do veterano, dirigido pela estreante Catarina Ruivo. Hestnes é um dos protagonistas, o da margem "de cá", cabendo o principal papel feminino a uma personagem da "outra" margem do rio Tejo, que neste filme se atravessa compondo um retrato urbano de mais do que um centro, transportes públicos, movimentos de câmara em harmonia com a gentileza e a atenção do olhar. É à personagem de Milú Sequeira que pertence um dos momentos mais bonitos, com a câmara a fixá-la em grande plano sobre o fundo monocromático de um estúdio fotográfico, narrativamente justificado. Noutro belo momento, a personagem é filmada à janela de um cacilheiro em cujo vidro se reflecte a travessia das águas do Tejo. Epifania, o nome da personagem de Sequeira, tem ascendência angolana e mãe de um jovem rapaz que verte a sua rebeldia no rap, a linguagem comum com os amigos da mesma idade e uma mesma subtendida experiência de discriminação com raiz na cor negra da pele. Por seu lado, o André de Hestnes é pai de duas crianças pequenas (uma das quais se chama Catarina) que frequentam um colégio onde as cantigas infantis e a possibilidade de escolha entre uma ida à piscina e uma ida ao cinema para ver "um filme de cowboys" exprimem uma mais favorecida vivência social. Entretanto, um pequeno bando de adolescentes cruza o espaço e o tempo (os mesmos ou outros) dos demais enquanto sobre todos paira a ideia de partir, ou a sua possibilidade.

Assim intersecta *Uma Cerveja no Inverno* elementos do cinema porvir de Catarina Ruivo: o foco na infância, de que trata *André Valente*, encontra-se com uma realidade narrativa marcada pela atenção às desigualdades sociais e ao racismo latente numa sociedade que tardava – tarda ainda – em reconhecer a sua substância enraizada, ou estrutural como de então para cá se aprendeu a formular. É o que diz exemplarmente a cena no metro que reúne os dois protagonistas, mas também personagens secundárias e figurantes que sinalizam comunidades distintas, uma das quais um autoritário polícia de comportamento racista. E há que notar, pelo lado da experimentação formal mais visual e sonora, os referidos grandes planos de Milú Sequeira, o travelling que acompanha os adolescentes junto ao rio ou aquele plano final fixo do movimento suspenso dos dois miúdos na noite a olharem as estrelas no céu da cidade a partir da plataforma em que circulam deitados de olhos no alto. Ou que o primeiro som do filme é um silvo de cacilheiro.

Maria João Madeira